



Eixo 1 – Não deixar ninguém para trás

A leitura literária na graduação em Biblioteconomia: uma experiência biblioterapêutica com o livro *Ensaio de Despedida*

*Literary reading in the undergraduate Library Science program: an experience with the book *Ensaio de Despedida**

Gabriela Falcão Klein – Universidade Federal Fluminense (UFF) –
falcaoklein@gmail.com

Alberto Calil Elias Junior – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO)
– caliljr@unirio.br

Resumo: Esta pesquisa visa discutir o papel da leitura literária na biblioterapia a partir de uma prática biblioterapêutica realizada na disciplina “Biblioteconomia e Leitura”, disciplina dos cursos de Biblioteconomia da Unirio. A prática fundamenta-se na obra “Ensaio de Despedida”, de Elisama Santos, obra centrada na questão de gênero e na solidão feminina. Busca-se, a partir dos relatos dos discentes proceder uma análise quali-quantitativa, com base na análise dialógica do discurso e na importância social da temática da obra, buscando apontar como a proposta interventiva estruturada da biblioterapia pode favorecer reconhecimento, ressignificação de experiências e reconstrução identitária, configurando-se como prática de cuidado e resistência.

Palavras-chave: Leitura literária. Saúde mental. Biblioterapia. Maternidade. Interseccionalidade.

Abstract: This study aims to examine the role of literary reading in bibliotherapeutic practices, based on an intervention conducted in the course “Library Science and Reading” (Library Science Program – UNIRIO). The activity was centered on the work *Farewell Essay* by Elisama Santos, which addresses themes of gender and female loneliness. The research adopts a qualitative approach, drawing on students’ written accounts produced during the intervention and analyzed through dialogical discourse analysis. The findings indicate that structured bibliotherapeutic practices can foster processes of recognition, re-signification of personal experiences, and identity reconstruction among participants. Furthermore, the study highlights the potential of bibliotherapy as a space for care and resistance, particularly in relation to socially sensitive themes.

Keywords: Literary reading. Mental health. Bibliotherapy. Motherhood. Intersectionality.



1 INTRODUÇÃO

A prática da literatura como ferramenta terapêutica é antiga e muito estudada. No Egito Antigo, os livros já eram considerados “remédios para a alma” e eram, muitas vezes, “prescritos” em certos tratamentos médicos. Desde então, a pesquisa sobre os benefícios da literatura para a saúde, sobretudo a saúde mental, vem sendo assunto de interesse não apenas da literatura, mas também da área da saúde e da biblioteconomia, sobretudo quando se problematiza como o humano pode ser compreendido, descrito e mesmo analisado (Junqueira; Scorsolini-Comin, 2021).

Essa estreita relação entre saúde mental e literatura e as diversas possibilidades de aplicação levaram à constituição da biblioterapia enquanto área/prática terapêutica que se vale da leitura literária a fim de proporcionar reflexão, promover encontros entre leitoras e textos literários que tematizam conflitos, perdas, afetos e reconstruções, essa prática pode favorecer a elaboração emocional, o fortalecimento da autoestima e a reconstrução identitária. Em um mundo desigual e opressor, ela também possibilita tensionar narrativas hegemônicas e ampliar repertórios interpretativos acerca de si e do mundo. Trata-se não apenas de um recurso clínico, mas de uma estratégia de intervenção cultural que articula cuidado e crítica social.

O trabalho com a literatura em seus diversos gêneros e formas – contos, cartas, poemas, romances etc. – mostra-se um importante recurso para promoção de bem-estar, mas, sobretudo, configura-se como um recurso para promover o encontro com a falta, com a incerteza, o desamparo, com aquilo que o sujeito ainda não consegue nomear. Ao chegar aonde a escrita acadêmica não alcança, ela permite aos sujeitos o contato com sentimentos e sensações “escamoteadas em uma sociedade comprometida com a busca desenfreada pelo prazer e pela satisfação dos desejos” (Junqueira; Scorsolini-Comin, 2021, p.3). Neste processo, todos os envolvidos, usuários e profissionais, saem modificados.

Importante ressaltar que não se trata de um uso utilitário da literatura, mas da compreensão de seu poder e de suas possibilidades de acesso a subjetividades que, de outras formas, não seriam acessadas. Ao promover a possibilidade de identificação com outras vivências, ela permite o reconhecimento de si, da dor do outro, ampliando a construção da alteridade e da empatia.



A partir dessa reflexão, o objetivo deste trabalho é apresentar uma proposta terapêutica realizada com alunos da disciplina “Biblioteconomia e Leitura”, oferecida atualmente como disciplina optativa para os cursos de Bacharelado e Licenciatura em Biblioteconomia da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO). A prática foi realizada ao longo de cinco aulas, a partir da leitura da obra “Ensaio de Despedida”, de Elisama Santos (2025), livro que aborda temas como a sobrecarga das mulheres, a maternidade e as identidades associadas ao feminino.

A escolha pela obra justifica-se tanto pela atualidade e importância dos temas tratados (gênero, maternidade, solidão feminina) quanto pelo formato proposto na obra, à saber, a produção de cartas pela personagem principal, Cristina. Ademais, ao mobilizar a noção de colonialidade de gênero, compreendida aqui como operacionalização histórica e estrutural da interseccionalidade (Lugones, 2020, Núñez, 2023). Assim, o estudo pretende contribuir para o debate crítico acerca das formas contemporâneas de opressão que incidem sobre as mulheres, evidenciando a literatura como espaço possível de resistência, cuidado, imaginação de novos mundos e transformação social.

2 GÊNERO, MATERNIDADE EM ENSAIOS DE DESPEDIDA

A obra de Elisama Santos narra a história de Cristina: advogada, mãe e esposa frustrada, que, através de cartas à sua filha, Maria Izabel, questiona seu papel como mãe e todos seus desejos silenciados. Embora nunca entregues, as cartas são escritas ao longo de 16 anos e explicitam seu desejo de partir, as razões pelas quais resolve ficar, o amor pela filha e suas frustrações quanto à maternidade e os amores não vividos.

Lida a partir de uma perspectiva crítica e feminista, configura-se como uma excelente obra para compreender como o patriarcado configura-se como uma estrutura política e cultural que legitima a dominação masculina, sustentada por pactos de masculinidade que atravessam diferenças de gênero, classe e pertencimento étnico-racial (hooks, 2020). Tal estrutura autoriza e naturaliza múltiplas formas de violência (Brasil, 2006), de modo que a violência de gênero deve ser compreendida como parte de um processo histórico de reprodução do poder.



Mesmo diante dos avanços normativos do último século, o enquadramento simbólico das mulheres ainda permanece, sobretudo com relação à maternidade que, historicamente socializadas para o cuidado e para a centralidade da vida doméstica, muitas vezes internalizam expectativas que as conduzem à sobrecarga emocional e à invisibilização de suas próprias demandas.

Neste contexto, a maternidade continua sendo vista como o lugar social central da mulher. Ainda hoje, assumir o não-desejo de maternar ou a frustração com a maternidade leva a mulher ao escrutínio social, produzindo, muitas vezes, discursos violentos e silenciadores. À luz da interseccionalidade (Crenshaw, 2002; Collins; Bilge, 2021), a condição de mãe pode operar como eixo específico de subordinação, sobretudo quando articulada a marcadores de classe, raça, sexualidade, idade, localização geográfica e posição socioeconômica. Nesse sentido, a idealização da maternidade como experiência exclusivamente gratificante tende a obscurecer vivências de solidão, exaustão e isolamento, produzindo uma forma particular de silenciamento: a dificuldade de nomear o sofrimento materno sem incorrer em culpa ou julgamento.

Nesse horizonte, a biblioterapia emerge como estratégia epistemológica, ética e política de enfrentamento à violência de gênero. Derivada dos termos gregos *biblion* (livro) e *therapeia* (cuidado, restabelecimento), a configura-se como prática terapêutica mediada pela leitura, orientada à promoção do bem-estar emocional e à preservação da integridade subjetiva (Ouaknin, 1996). Trata-se de um dispositivo de cuidado que reconhece a palavra como espaço de elaboração simbólica e reconstrução identitária a qual, conforme destaca Caldin (2001; 2024), fundamenta-se em processos psíquicos como identificação, projeção, introjeção, catarse, introspecção e humor, possibilitando ao sujeito participantes reconhecer-se na narrativa, externalizar afetos reprimidos e reorganizar internamente experiências traumáticas.

3 METODOLOGIA

A pesquisa configura-se como quanti-qualitativa, de natureza exploratória e tem como corpus de análise as respostas dos alunos da disciplina a uma atividade de biblioterapia realizada com a obra em questão, a partir de um formulário on-line disponibilizado após a prática. Fundamenta-se em uma perspectiva dialógica do



discurso, a partir da qual a linguagem é compreendida como uma prática sócio-histórica e ideologicamente situada. Assim, nessa perspectiva, a análise dos dados orienta-se pelo entendimento de que todo enunciado é dialógico, isto é, constitui-se na relação com outros enunciados, sendo atravessado por vozes sociais diversas (heteroglossia) e por relações de responsividade. Desse modo, busca-se analisar como os sujeitos produzem sentidos *em interação*, na relação eu-outro, levando em conta as condições concretas de enunciação e as posições axiológicas que permeiam seus discursos.

Com relação ao formulário, as perguntas apresentadas intentavam fazer os participantes refletirem sobre: i) questões temáticas; ii) questões sociodiscursivas; iii) aspectos da biblioterapia e suas possibilidades.

As respostas foram desidentificadas, a fim de garantir o anonimato e possibilitar respostas mais personalizadas, uma vez que se trata de temas sensíveis. Para referir-se aos respondentes, será utilizada, nesta pesquisa o uso de “RES” seguido de um número de identificação (de 1 a 21). As perguntas estão sintetizadas na tabela abaixo:

Quadro 1 – Questões para avaliação da prática biblioterapêutica

| | |
|-------------------|---|
| Pergunta 1 | Referente ao consentimento para participação da pesquisa |
| Pergunta 2 | Você é aluno da Unirio? |
| Pergunta 3 | O que você compreende como atividade biblioterapêutica? |
| Pergunta 4 | Antes da atividade realizada em sala, você já havia participado de alguma atividade biblioterapêutica? |
| Pergunta 5 | Na sua opinião, em que medida a literatura literária de forma direcionada pode auxiliar questões de saúde mental? |
| Pergunta 6 | Você participou da atividade realizada em sala? |
| Pergunta 7 | Na sua opinião, a atividade realizada pode ser considerada uma atividade com fins terapêuticos? |
| Pergunta 8 | Quais os temas que, na sua opinião, foram abordados na obra? |
| Pergunta 9 | A partir da sua experiência, como você acha que a leitura da obra te impactou? |

Fonte: dados da pesquisa (2026).

A aposta teórico-metodológica que sustenta este trabalho parte da compreensão de que a literatura expande os horizontes do imaginável, perspectiva amplamente defendida por estudiosos da literatura, como Cândido (2011,2002), amplo defensor de uma perspectiva que não trate a literatura como mero instrumento pedagógico ou ferramental, mas como um direito humano básico, que possibilita a elaboração simbólica da experiência e a ampliação da sensibilidade. Da mesma maneira, retoma-se Montes (2010) e Castrillón (2011), que entendem a literatura como espaço de liberdade, questionamento e construção de sentidos, capaz de deslocar o leitor de



perspectivas cristalizadas e promover experiências de alteridade. Assim, a literatura é aqui concebida como prática estética e social que, ao expandir o imaginável, contribui para a formação de sujeitos mais críticos, sensíveis e abertos à complexidade do mundo.

Como anteriormente explicitado, a prática se insere nas atividades propostas pela disciplina “Biblioteconomia e Leitura”, que objetiva discutir a importância da leitura de maneira geral, enfatizando o papel da leitura literária e das práticas biblioterapêuticas enquanto possibilidade de atuação para o futuro bibliotecário e licenciado em biblioteconomia, sobretudo no tratamento de temas sensíveis e complexos, como questões relacionadas a gênero e maternidade – temas da proposta em análise neste texto.

Inicialmente, foi apresentado o conceito de leitura a partir de uma abordagem histórico-cultural e discursiva (**aulas 1 e 2**); na sequência (**aulas 3 e 4**), os alunos tiveram contato com o conceito de biblioterapia e biblioterapia antirracista, além de conhecerem uma prática já em uso. A **aula 5**, foi dedicada a abordar questões de gêneros através da prática biblioterapêutica analisada, composta da seguinte maneira:

- a) atividade de relaxamento para “aterramento” dos alunos;
- b) leitura coletiva do primeiro capítulo da obra;
- c) roda de conversa *direcionada*;

Ressalte-se que a obra foi apresentada aos alunos apenas na hora da aula, a fim de garantir seu ineditismo. Após a atividade, foi disponibilizado aos alunos formulário on-line já apresentado neste artigo. Os dados aqui analisados foram selecionados destas respostas.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Participaram da atividade 21 alunos dos cursos de Biblioteconomia (bacharelado e licenciatura) e responderam ao formulário (61,9%), configurando-se como uma amostra representativa. Deste total, a maioria (69,2%) nunca havia participado de uma sessão de biblioterapia.

Com relação à biblioterapia enquanto prática terapêutica, todos os participantes (100%) acreditam que se trata de uma atividade com fins terapêuticos (pergunta 7) e, em sua maioria definem-na como uma prática que se vale da leitura literária para o



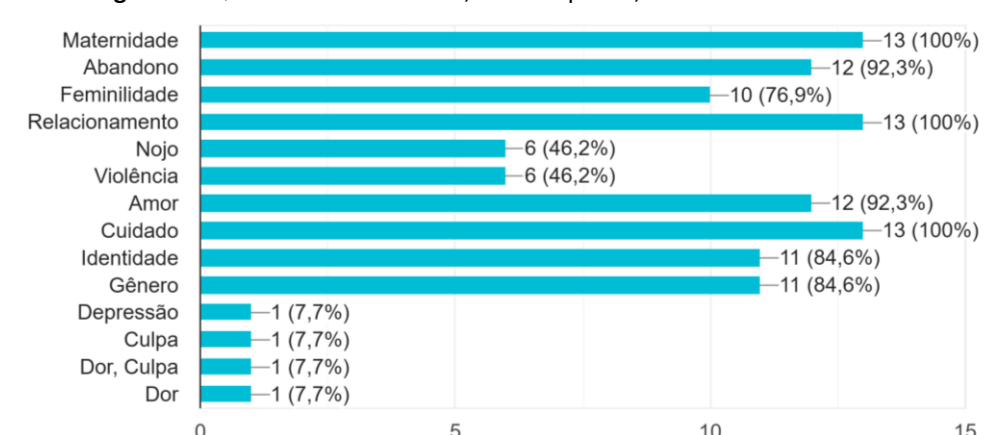
tratamento de temas sensíveis e que promovem o diálogo, o que pode ser ilustrado nas respostas abaixo:

Uma atividade biblioterapêutica é uma prática que utiliza a leitura para promover reflexão, identificação e expressão emocional. Focando na relação do sujeito com a narrativa, mobilizando sentidos, sentimentos e vivências. Nesse processo, os participantes interpretam, compartilham e ressignificam experiências a partir da leitura. O foco não está no livro em si, mas nos efeitos produzidos no sujeito contribuindo para o autoconhecimento, o desenvolvimento emocional e a construção de vínculos. (RES 3)

Na minha opinião, pode ajudar bastante, principalmente porque a literatura permite que a pessoa se identifique com personagens e situações, o que pode facilitar o entendimento dos próprios sentimentos. Quando a leitura é direcionada, ela consegue tocar em questões específicas, ajudando na reflexão, no alívio emocional e até na sensação de não estar sozinho. Além disso, o momento de conversa depois da leitura também é muito importante, porque permite troca de experiências e acolhimento. (RES12)

Quanto à temática, foi perguntado aos participantes quais as temáticas que eles acreditavam ser tratados na obra, sintetizadas no gráfico abaixo:

Figura 1 – Quais dos temas abaixo, na sua opinião, foram abordados na obra?



Fonte: dados da pesquisa (2026).

Por fim, foi perguntado aos participantes sobre o impacto que a atividade teve sobre eles. Selecionamos abaixo algumas respostas que, a nosso ver, demonstram a importância da biblioterapia também no curso de biblioteconomia:

Me emocionei durante a leitura da obra em sala. Acredito que muitos de nós vivemos com mães como a Cristina. Não mães que realmente abandonam suas famílias, mas mães que se perderam na maternidade e em seus relacionamentos amorosos. Mulheres. Que um dia já foram meninas e adolescentes cheias de sonhos e desejos e que colocam isso de lado para interpretar papéis que lhe são exigidos silenciosamente, deixando de lado a sua singularidade como ser humano. Achei um tema superinteressante e gostei de ouvir os relatos similares e diferenciados dos alunos. (RES1)

A leitura da obra me impactou, apesar de tudo, como mulher que convive com outras mulheres da minha família que passam por situações semelhantes



às apresentadas no capítulo trabalhado em aula. Foi marcante perceber a dor de uma mãe que não se sente livre para viver como gostaria e, ao mesmo tempo, entender que a decisão de partir também carrega sofrimento, especialmente pelo vínculo com a filha, algo que fica evidente na carta, marcada por cuidado e preocupação. (RES 3)

Me senti culpado como filho. Poderia ter sido melhor pra minha mãe, mesmo sem saber como. E sentir esse desejo de abandono em busca de liberdade, mesmo que isso envolva sacrificar a família. (RES6)

Me impactou em identificar, através dessa leitura, as vivências familiares dos meus colegas serem parecidas com as minhas. Principalmente, sobre os cuidados maternos como uma função social. Me impactou também em ver o esquecimento da identidade dessas mulheres que são mães, e o que quanto essa perda de identidade acontece em outros lares. (RES7)

As respostas dos participantes evidenciam que a atividade de biblioterapia operou não apenas como exercício de leitura, mas como dispositivo de reconhecimento, identificação e elaboração subjetiva. Observa-se, nos relatos, a ativação de processos descritos por Caldin (2001; 2024), como identificação e introspecção, uma vez que a personagem Cristina deixa de ser apenas figura ficcional para tornar-se espelho de experiências familiares concretas.

Em RES1 e RES7, destaca-se o reconhecimento da maternidade como função socialmente exigida, que frequentemente implica apagamento identitário e silenciamento de desejos, percepção que dialoga diretamente com a crítica ao enquadramento simbólico da mulher discutido anteriormente. Em RES3, a leitura possibilita acessar a ambivalência constitutiva da maternidade, rompendo com a idealização unilateral e permitindo nomear a dor associada tanto à permanência quanto à partida. Por sua vez, RES6 revela um deslocamento ainda mais complexo: a narrativa literária mobiliza culpa filial e o reconhecimento do próprio desejo de liberdade, indicando que a biblioterapia também produz efeitos sobre homens, ao tensionar expectativas de gênero e papéis familiares naturalizados.

Em conjunto, os relatos demonstram que a leitura mediada favoreceu a desnaturalização de dinâmicas familiares, a ampliação do repertório interpretativo sobre a experiência materna e a criação de um espaço coletivo de partilha, no qual vivências individuais puderam ser reconhecidas como atravessadas por estruturas sociais mais amplas. Assim, a atividade confirma o potencial da biblioterapia como prática formativa no curso de Biblioteconomia, ao articular dimensão técnica, sensibilidade ética e reflexão crítica sobre gênero e subjetividade.



4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho evidencia o potencial ético-político que a literatura pode assumir na formação e nas práticas em Biblioteconomia. Ao articular os aportes dos estudos feministas, da colonialidade de gênero e da interseccionalidade às questões de saúde mental, o estudo aponta o potencial transformador da leitura literária intencionalmente mediada, algo que se torna nítido nos relatos dos próprios alunos.

A pesquisa demonstra, ainda, que a Biblioteconomia transcende a dimensão técnica do processamento e da circulação da informação — que é de fundamental importância —, configurando-se também como um espaço qualificado para a elaboração simbólica, o reconhecimento intersubjetivo e a resignificação de experiências frequentemente marcadas pelo silenciamento e pela sobrecarga emocional.

Nesse sentido, a proposta interventiva apresentada não se limita a um protocolo estático, mas consolida a biblioterapia como um campo de atuação que exige do futuro profissional competências éticas, sensibilidade social, escuta qualificada e compreensão crítica das estruturas sociais que atravessam os leitores. Por fim, as análises revelam que o enfrentamento à violência de gênero demanda estratégias simultâneas nos planos estrutural e simbólico, dimensão na qual o profissional da informação pode atuar de maneira decisiva.

REFERÊNCIAS

BRASIL, Lei Maria da Penha nº 11.340/2006. Dispõe sobre as formas de violência doméstica e familiar contra a mulher. Brasília, DF: Presidência da República, 2006. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/11340.htm. Acesso em: 14 abr. 2026.

CALDIN, Clarice Fortkamp. A leitura como função terapêutica: biblioterapia. Revista **Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 12, p. 32-44, 2001. Disponível em: <https://biblio.direito.ufmg.br/wp-content/uploads/2021/07/36-Texto-do-Artigo-17815-1-10-20080811.pdf>. Acesso em: 14 abr. 2026.

CALDIN, Clarice Fortkamp. **Biblioterapia**: um cuidado com o ser. São Paulo: Porto de Ideias, 2024.

CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: CANDIDO, Antonio. **Vários escritos**. 5. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2011.



CANDIDO, Antonio. A literatura e a formação do homem. *In*: CANDIDO, Antonio. **Textos de intervenção**. São Paulo: Duas Cidades; Ed. 34, 2002.

CASTRILLÓN, Silvia. **O direito de ler e de escrever**. Tradução de Marcos Bagno. São Paulo: Pulo do Gato, 2011.

COLLINS, Patricia Hill; BILGE, Sirma. **Interseccionalidade**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2021.

CRENSHAW, Kimberlé. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. **Revista estudos feministas**, v. 10, p. 171-188, 2002. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2002000100011>.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança**: um reencontro com a pedagogia do oprimido. Editora Paz e Terra, 2014.

HOOKS, bell. **E eu não sou mulher?** Mulheres negras e feminismo. Rio de Janeiro: Editora Rosa dos Tempos, 2020.

HOOKS, bell. **Ensinando a transgredir**: a educação como prática da liberdade. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2017.

JUNQUEIRA, Luan Felipe de Souza; SCORSOLINI-COMIN, Fabio. Psicologia, literatura e saúde mental. **Muitas Vozes**, [S. l.], v. 10, p. 1–16, 2021. Disponível em: <https://revistas.uepg.br/index.php/muitasvozes/article/view/17404>. Acesso em: 19 mar. 2026.

LUGONES, María. Colonialidade e gênero. *In*: HOLLANDA, Heloisa Buarque (Org.). **Pensamento feminista hoje**: perspectivas decoloniais. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020. p. 53-83.

MONTES, Graciela. **Buscar indícios, construir sentidos**. Salvador: Selo Emília e Solisluna, 2020.

NÚÑEZ, Geni. **Descolonizando afetos**: experimentações sobre outras formas de amar. São Paulo: Planeta do Brasil, 2023.

OUAKNIN, Marc-Alain. **Biblioterapia**. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

SANTOS, Elisama. **Ensaio de despedida**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2025.

